



O Tratado da Imortalidade da Alma, de Mosseh Raphael de Aguilar: um legado da comunidade sefardita de Amsterdã do século XVII

The Treatise on the Immortality of the Soul, by Mosseh Raphael de Aguilar: a legacy of the Sephardic community of Amsterdam in the 17th century

Gabriel Steinberg*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil
steinberg1818@usp.br

Phablo Roberto Marchis Fachin**

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil
phablo@usp.br

Regina Jorge Villela Hauy***

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil
regina.hauy@usp.br

Resumo: A comunidade judaica de Amsterdã nos séculos XVII e XVIII era formada em grande parte por portugueses e seus descendentes, que falavam e escreviam em português. A biblioteca Ets Haim, também em Amsterdã, mantém em seu acervo vários textos dessa comunidade e um deles é o *Tratado da Imortalidade da Alma*, do rabino Mosseh Raphael de Aguilar, em dois testemunhos. O estudo da tradição desse documento pretende fornecer, a filólogos, linguistas, pesquisadores de estudos judaicos e historiadores, importante material de análise e interpretação a respeito da língua portuguesa e de uma comunidade multicultural, como a de Amsterdã. A escolha dessa obra foi feita com o propósito de ampliar o conhecimento que se tem das características e da evolução da língua portuguesa na comunidade judaica em questão, além de inseri-la na tradição dos estudos históricos do português, os quais normalmente não mencionam o uso dessa língua fora dos territórios de Portugal, Brasil e demais colônias portuguesas.

Palavras-chave: Mosseh Raphael de Aguilar. Comunidade Sefardita. Filologia Portuguesa. História da Língua Portuguesa.

* Professor no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

** Professor no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

*** Mestre em Letras na área de Filologia e Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo



Abstract: The Jewish community of Amsterdam from the XVII and XVIII centuries consisted mostly of Portuguese and its descendants who spoken and wrote in Portuguese. The Ets Haim library, also in Amsterdam, maintain many texts from this community in its collection and among them the *Treaty of Soul's Immortality*, from Rabbi Mosseh Raphael de Aguilar, is found in two testimonies. This document's tradition study intend to yield, to philologists, linguists, Jewish studies researchers and historians, essential material of analysis and interpretation when it comes to the Portuguese language and a multicultural community such as the one found in Amsterdam. This study's choice was made with the intention of further develop knowledge about the characteristics and evolution of the Portuguese language in the Jewish community at hand, and to insert it in the tradition of historic studies of this language, which normally don't even mention its use outside the Portuguese, Brazilian and other colonies' territories.

Keywords: Mosseh Raphael de Aguilar. Sephardic Community. Portuguese Philology. Portuguese Language's History.

Introdução

Os judeus espanhóis e portugueses que deixaram¹ a Península Ibérica, por conta da perseguição religiosa, encontraram certa liberdade em cidades como Hamburgo e Amsterdã². Formaram comunidades fortemente organizadas em torno de sinagogas, referindo-se a si mesmos como *Nação Portuguesa de Amsterdã* e *Nação Portuguesa de Hamburgo*³. A organização administrativa e religiosa dessas comunidades produziu

¹ Decreto de Alhambra de 31.3.1492 – expulsão ou conversão dos judeus na Espanha. Decreto de expulsão dos hereges de 5.12.1496. Os judeus poderiam escolher a conversão ou o desterro. O prazo para sair de Portugal era 31.10.1497.

² Ainda que pudessem praticar sua religião, o espaço geográfico que podiam ocupar era restrito, os impostos eram diferenciados, as possibilidades de ocupação profissional também tinham restrições.

³ “Por ‘Nação Portuguesa’ entendiam estes os descendentes de judeus que viveram como cristãos-novos na Península ibérica, após as expulsões de 1492 e 1497, assim como todos aqueles que vieram a constituir as comunidades de conversos ibéricos na Europa e no ultramar. Esta era, portanto, uma definição que remetia para uma realidade simultaneamente económica e étnica: económica porque definia a actividade fortemente mercantil que caracterizava grande parte dos homens da nação; étnica porque remetia para uma origem comum, baseada essencialmente na ascendência judaica e portuguesa. Esta comunidade imaginada, unida por laços de parentesco, traços culturais e a experiência partilhada do estigma e da perseguição em solo ibérico, servia antes de mais como uma forma de autoidentificação que os



documentos em língua portuguesa que estão preservados em diversos acervos de forma esparsa. Em Amsterdã, há uma coleção grande e digitalizada, da qual fazem parte os textos do *corpus* deste trabalho. Trata-se de uma obra do rabino Mosseh Raphael de Aguilar intitulada *Tratado da Imortalidade da Alma*.

Ao longo de trinta e sete silogismos o autor do tratado pretende mostrar que a alma é imortal, em uma espécie de resposta a duas questões principais que perpassam o Tratado: a dualidade corpo e alma, e a relação entre fé e razão. Essas questões eram debatidas no século XVII, entre outros, por Isaac Oróbio de Castro, Uriel da Costa e Baruch Spinoza, sendo que os dois últimos chegaram a ser expulsos da comunidade devido às suas posições. O Tratado enfrenta as ideias heréticas de membros da comunidade sefardita, que são parte de um conjunto que inclui também descontentamento e desconforto de cristãos novos que precisavam se acostumar às muitas leis e costumes da nova fé e para resistir às seduções do mundo exterior ao judaísmo, em que a revolução científica e o racionalismo disputavam espaço com a fé.⁴

Por meio do estudo do Tratado é possível ampliar o conhecimento que se tem das características e da evolução da língua portuguesa na comunidade judaica em questão, além de inseri-las na tradição dos estudos históricos do português, os quais normalmente não mencionam o uso dessa língua em comunidades fora dos territórios de Portugal, Brasil e demais colônias portuguesas, como no *Discursos do Paraninfo*, de Serafim da Silva Neto:

(...) é bem larga e extensa a seara da Filologia Portuguesa: abarca todos os falares regionais de Portugal, Brasil e Colônias, abrange tôda a vasta literatura em língua portuguêsã – dos Cancioneiros ao século XX -, compreende todos os vastíssimos problemas culturais e ergológicos relativos ao léxico⁵.

Uma vez que essas comunidades são pouco estudadas⁶ em uma perspectiva filológica e linguística, a possível influência do hebraico nos textos não costuma ser cogitada nos trabalhos sobre a língua portuguesa. No livro *História da Língua Portuguesa*, de Segismundo Spina⁷, por exemplo, apenas o árabe, o malaio, o hindu,

distinguia dos demais e que reforçava o seu sentido de pertença e de solidariedade de grupo” Martins, 2018, p. 44-45.

⁴ MAGHIDMAN, 2019, p.100.

⁵ SILVA NETO, 1951, p.16.

⁶ Alguns trabalhos apresentam graves problemas para o estudo da língua portuguesa, incluindo “leituras equivocadas e transcrições pouco confiáveis”. Haüy, 2021, p. 45.

⁷ SPINA, 1987, p. 21-26.



as línguas africanas e as línguas indígenas são mencionados como tendo influenciado de alguma maneira a língua portuguesa. Essa situação se deve em parte ao tamanho reduzido de cada comunidade sefardita e ao escasso conjunto documental preservado, em pequeno número também de instituições, como é o caso da biblioteca Ets Haim, em Amsterdã. Por conseguinte, há poucos documentos produzidos por essas comunidades de que se tem notícia e acesso. Ao incluir-se esses documentos nesses estudos, o hebraico passa a fazer parte desse grupo de línguas com alguma influência sobre a língua portuguesa.

O estudo filológico de documentos desse contexto inclui, evidentemente, uma análise de sua história, quem os produziu, a quem se destinavam, o que poderia indicar que a língua portuguesa era falada e escrita no âmbito doméstico e no âmbito administrativo da comunidade sefardita de Amsterdã, durante todo o século XVII, avançando até o século XIX, quando deixou de ser obrigatório o seu uso nos documentos das sinagogas, conforme Teensma⁸:

No dia 11 de Maio de 1813, o 'Consistório' fundado especialmente para tratar dos assuntos judaicos proibiu aos judeus residentes nos Países Baixos o uso de 'línguas exóticas' tal como o jiddish e o português, nos contactos entre si e nos serviços da sinagoga. A partir de então vemos gradualmente diminuir o uso do português nos livros de correspondência e de resoluções da Congregação Israelito-Portuguesa de Amsterdão, em favor do neerlandês.

Um dos mais notáveis integrantes da comunidade judaica de Amsterdã, Mosseh Raphael de Aguilar foi um rabino de grande erudição⁹, frequentemente consultado para dirimir dúvidas de cunho teológico e filosófico, não só membros de sua comunidade, como também de outras mais distantes, como da Inglaterra e da Itália. Viveu durante o Século de Ouro de Amsterdã¹⁰, período de grande florescimento das artes, do comércio e da ciência nos Países Baixos. Também foi um momento de disputas teológicas entre cristãos e judeus, e de volta de alguns cristãos novos ao judaísmo.

Os trabalhos de Aguilar retratam esta situação: a publicação das gramáticas da língua hebraica servia não só ao ensino da língua às crianças, como também aos

⁸ TEENSMA, 1988, p.71.

⁹ Os dados biográficos foram retirados de Berger, 1996, p. 9-22. Curiosamente, na capa do livro o nome de Aguilar está escrito com a letra *q*, Aquilar.

¹⁰ O local e a data exatos de seu nascimento não estão definitivamente estabelecidos, se nasceu em Portugal ou na Holanda, entre 1615 e 1620. Seu falecimento ocorreu em Amsterdã, em 19 de dezembro de 1679.



adultos que retornavam ao judaísmo. O *Tratado da Imortalidade da Alma* coloca a posição considerada como canônica pelo judaísmo sobre a alma, já que alguns membros da comunidade tinham dúvida a respeito ou discordâncias. Sua formação rabínica foi custeada por uma bolsa de estudos da comunidade, o que possibilitou que se tornasse, além de rabino, professor de hebraico. Conhecia também latim e grego, e escreveu vários textos em espanhol. A língua portuguesa, no entanto, é a que ele chamou de “nosso idioma”. Raphael de Aguilar viveu no Brasil entre 1642 e 1654, tendo atuado nas comunidades judaicas de Maurícia e de Recife. Um de seus trabalhos, *Explicação do Capítulo 53 de Yesaias*, foi escrito durante esse período, conforme registro no acervo da biblioteca Ets Haim. De volta à Holanda, Mosseh Raphael de Aguilar atuou na comunidade de Amsterdã até sua morte, em 1679.

Tendo em consideração tais informações, neste artigo apresenta-se o resultado do estudo da tradição textual do *Tratado da Imortalidade da Alma*. Os dois testemunhos do *Tratado* reunidos para a concretização do estudo constituem um conjunto de escritos que permitem conhecer a história do texto em sua transmissão, retratar o estado de língua do período em que cada um deles foi escrito e compreendê-lo como um legado da comunidade sefardita de Amsterdã do século XVII.

2 Descrição dos manuscritos

Documentos escritos em português no século XVII são normalmente atribuídos a escritores falantes de língua portuguesa e que provavelmente viveram em territórios lusófonos por algum tempo. O presente trabalho analisa uma obra que não corresponde exatamente a essas expectativas, pois são dois manuscritos escritos em Amsterdã por um falante de língua portuguesa, mas não exclusivamente. Eles fazem parte do acervo Ets Haim, em Amsterdã, que guarda mais de 500 manuscritos e 25 mil impressos, escritos ao longo de quatro séculos.

2.1 Manuscrito EH 48 A 11

O manuscrito EH 48A11 do *Tratado da Imortalidade da Alma* faz parte de um livro com 484 fólios, de 31,7 x 20,4 cm, descrito como “cópia do fim do século XVII de Moses Raphael d’Aguilar (morto em 1679)”. Na digitalização acessível no site da Ets Haim a capa é a imagem EH 48 A 11 000C e o texto EH 48 A 11 001 até EH 48 A 11 006.

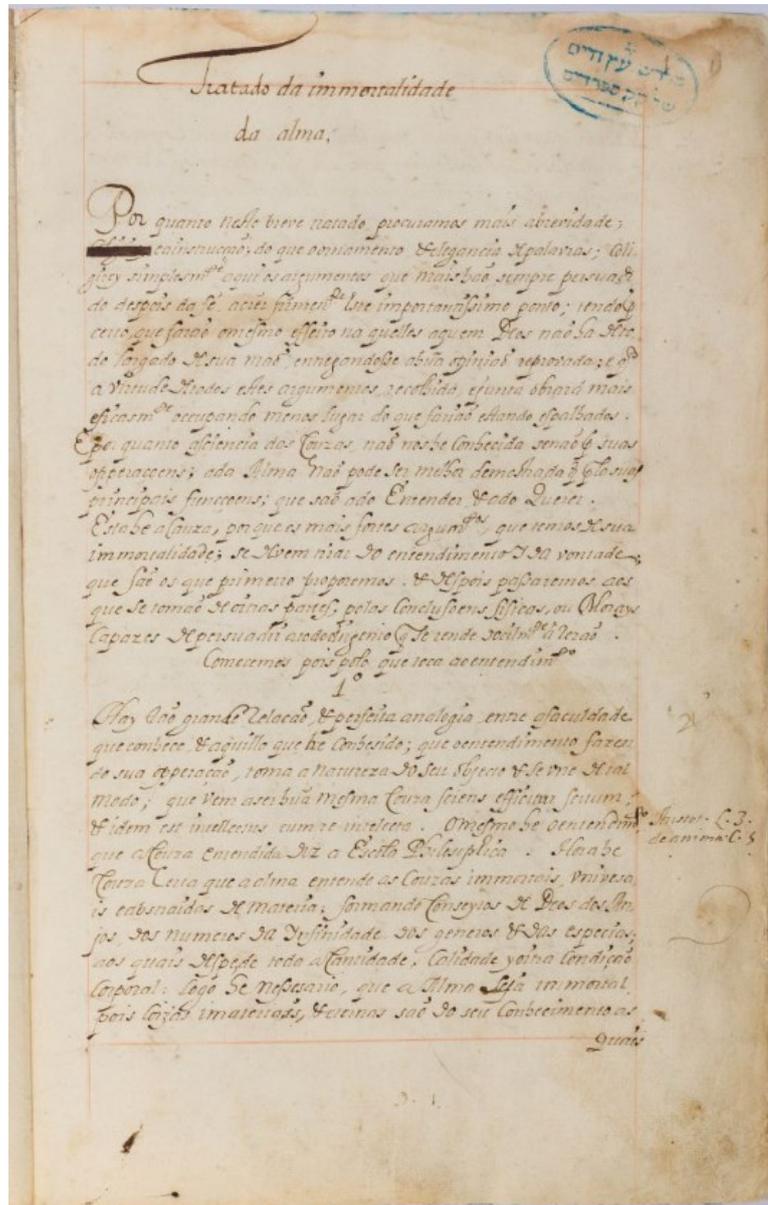


Figura 1 – Primeira página do Tratado - testemunho EH 48 A 11

Fonte: http://etshaimmanuscripts.nl/eh_48_a_11/ 001

2.2 Manuscrito EH 48 B 11

O manuscrito EH48B11 do *Tratado da Immortalidade da Alma* - Colegido e ordenado por o Senhor H: H: R: de Aguilar faz parte de um livro com 489 fólhos, de 26,8 x 21,2 cm, descrito como “coleção de vários tratados, Holanda, século XVIII”. Na digitalização acessível no site da Ets Haim o texto é composto das imagens EH 48 B 11 191 até EH 48 B 11 201.

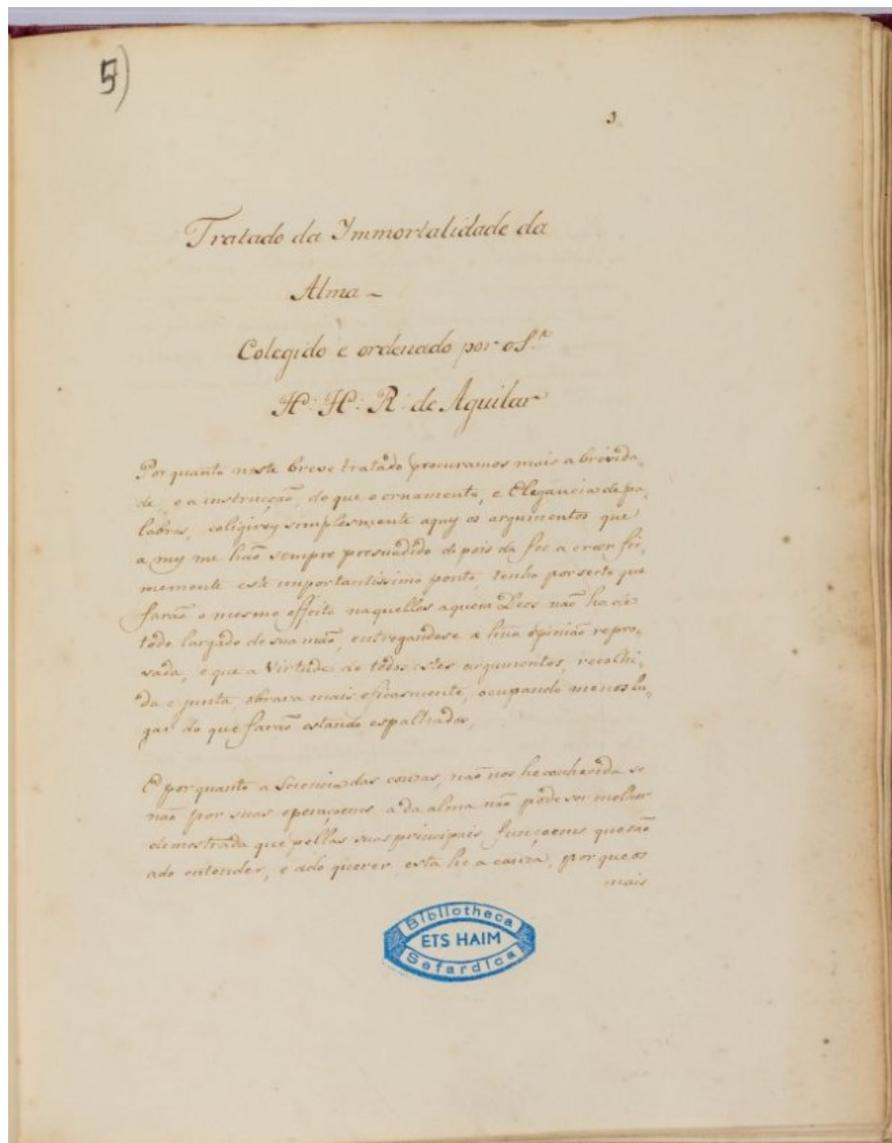


Figura 2 – Primeira página do Tratado - testemunho EH 48 B 11

Fonte: http://etshaimmanuscripts.nl/eh_48_b_11/

3. Mosseh Raphael de Aguilar e a comunidade sefardista de Amsterdã

Após a expulsão dos judeus da Península Ibérica (1492 e 1497) e sua dispersão por territórios mais tolerantes com suas práticas religiosas, o perfil dos judeus do século XVII era plural. Desta forma, havia os judeus velhos, de famílias que mantiveram as tradições e práticas religiosas ao longo de gerações sem interrupção; havia os judeus novos, ex cristãos novos que voltaram à prática religiosa de seus antepassados. E havia também judeus contestadores que faziam parte da comunidade judaica. A obra de Mosseh Raphael de Aguilar do presente estudo está diretamente relacionada com os judeus novos e com os “contestadores”, à explicação teológica com espírito de correção e convencimento (Tratado). A língua hebraica, segundo Eisenberg e



Steinsaltz,¹¹ é considerada por seus falantes como língua santa e todo o estudo das Sagradas Escrituras e seus comentários contidos na *Mishná*, é feito em hebraico, além das celebrações nas sinagogas.

O conhecimento da língua era, portanto, obrigatório e natural para os membros de uma comunidade religiosa, como no caso da comunidade de Mosseh Raphael de Aguilar. Para os judeus novos, que vinham da tradição cristã (ainda que não se sentissem bem em confessar uma fé da qual não eram convictos e da qual até duvidavam) não foi possível estudar a língua hebraica desde pequenos. Alguns eram capazes de recitar trechos de orações, mas para muitos, nem isso era possível. Para esses adultos reconvertidos e para crianças da comunidade, Mosseh Raphael de Aguilar elaborou a *Epítome da Gramática Hebraica*. Escrita em português, com exemplos tirados da *Torah*, o ensino da língua era feito com um recorte catequético, do mesmo modo que se observa nas cartilhas portuguesas, nas quais orações eram colocadas como exemplos para explicar a língua ensinada.

Para os judeus que contestavam alguns pontos da doutrina ou das práticas do judaísmo, como Uriel da Costa¹² e Baruch Spinoza¹³, mas não só eles¹⁴, rabinos de Amsterdã escreveram diversos sermões, explicações e tratados. A dissidência que as ideias deles poderiam causar iam além das questões religiosas, pois a religião era um fator de coesão social, o que permitia um espaço de ação e convivência que os judeus não experimentavam com outros grupos sociais. Ao se desviarem da comunidade por causa de seu pensamento religioso, o que acontecia também era o afastamento da vida social dessa comunidade, de seus vínculos comerciais, o que diminuía o tamanho e as capacidades da própria comunidade. Mosseh Raphael de Aguilar contribuiu para o debate com o seu *Tratado da Imortalidade da Alma*, cuja data de produção não é conhecida com precisão. É evidente que a obra teve grande importância na comunidade judaica, já que o segundo testemunho dela é uma cópia de cerca de 100 anos posterior ao primeiro.

Os documentos produzidos pelas comunidades sefarditas que resistiram às intempéries, acidentes, incêndios, descasos e guerras, enfim, que chegaram até nossos dias, podem dar indicação de uma parte da história da língua portuguesa. As particularidades que o contato com o hebraico produziu, por um lado, enriquecem o

¹¹EISENBERG; STEINSALTZ, 2015, p. XVII

¹² Os três escritos mais importantes de Uriel da Costa são *Propostas contra a Tradição* (1618), *Exame das Tradições Farisaicas* (1624) e *Exemplar Humanae Vitae* (1640).

¹³ *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar* (1660) e *Tratado Teológico-político* (1670).

¹⁴ Por contestarem pontos fundamentais da teologia acabaram sendo excomungados e expulsos da comunidade.



trabalho, por outro, tornam-no mais difícil, aumentando o número de variáveis que podem ter concorrido para o estado de língua que manifestam. Inclusive são pensados, por alguns estudiosos, como testemunhos de uma língua judaico-portuguesa, o que os excluiria dos estudos de língua portuguesa. O primeiro contato com esses documentos suscitou imediatamente a pergunta “é a mesma língua escrita por portugueses de territórios lusófonos?”¹⁵ Para responder à questão é necessário que se faça uma transcrição cuidadosa e que se entenda o que vem a ser uma língua judaica.

As línguas faladas pelos judeus ao longo de mais de 3 mil anos de história têm todas o hebraico como base. Os primeiros textos em hebraico foram escritos, provavelmente, em torno de 2 mil AEC.¹⁶ Durante o período do exílio na Babilônia o aramaico tornou-se cada vez mais influente e suplantou o hebraico no fim do primeiro milênio AEC, que por volta do segundo século da EC deixou de ser a principal língua falada pelos judeus para permanecer como língua litúrgica e escrita (até sua retomada no fim do século XIX). Como a maioria dos judeus se encontravam na Diáspora, eles passaram a usar a língua da região em que viviam e desenvolveram variedades distintas dessas línguas, o que se pode chamar de línguas judaicas. A característica comum a todas essas línguas judaicas é o componente lexical, pois todas usavam o hebraico para a escrita e na liturgia. As línguas judaicas exibem características fonológicas, morfológicas e sintáticas que as distinguem de suas contrapartes não judaicas¹⁷ O grau de variação entre uma língua judaica e seu equivalente não judaico pode variar muito, mas no caso do judeu-português as diferenças linguísticas são poucas.¹⁸ Os avanços nesta pesquisa indicam que é uma língua portuguesa permeada de hebraísmos, hipótese que se pretende comprovar com a análise dos dados.

4 O Tratado da Imortalidade da Alma: texto e escrita

Os testemunhos localizados do *Tratado da Imortalidade da Alma* fazem parte de duas composições, em formato de livro. No primeiro, dos 484 fólhos, 12 são ocupados pelo documento em questão, com as seguintes medidas: 31,7 cm x 20,4 cm. Esse primeiro texto é descrito, em inglês, pelo próprio Ets Haim, como “cópia do fim do século XVII de Mosseh Raphael d’Aguilar (morto em 1679)”. No segundo, dos 489 fólhos, 20

¹⁵ Durante uma entrevista, o professor Studemund-Halévy, pesquisador no Institut für die Geschichte der deutschen Juden (IGdJ), em Hamburgo, mostrou uma linha de pensamento diferente. Considera que essa língua portuguesa é uma língua judaica, como o ladino e o ídiche, por exemplo.

¹⁶ RUBIN; KAHN, 2017.

¹⁷ RUBIN; KAHN, 2017.

¹⁸ RUBIN; KAHN, 2017.



são ocupados, com medidas 26,8 cm x 21,2 cm, cuja descrição apresenta-se como “coleção de vários tratados, Holanda, século XVIII”. Ambos os testemunhos são acessíveis, por meio digital¹⁹, pelos códigos EH 48 A 11 e EH 48 B 11.

O primeiro testemunho está em ótimo estado de conservação, possuindo uma coloração amarelada e marcas que sugerem umidade no alto das páginas. Na parte inferior há, em todos os fólios, uma mancha causada pelo manuseio. Não é possível descrever as condições de armazenamento do documento, pois não foi possível ter acesso físico ao material. O livro está encadernado em couro com uma etiqueta colada na lombada onde se lê “Tratado del Inmortalidade del Alma”. O manuscrito tem 12 fólios, sendo um a capa e outro em branco. Nos 10 restantes o texto se desenvolve em 37 partes, todas de curta extensão. Alguns fólios têm duas numerações feitas à lápis no canto superior direito, provavelmente por funcionários de biblioteca ou digitalizadores. O manuscrito foi digitalizado ao menos duas vezes e encontra-se tanto no site da biblioteca Ets Haim quanto no site da Biblioteca Nacional de Israel (NLI, na sigla em inglês). Na capa e nas páginas 3 e 8 do texto está o carimbo da biblioteca Ets Haim, o da Biblioteca de Jerusalém está nas páginas 1 e na página da capa. O carimbo escrito em hebraico informa que o documento é do acervo sefardita do Ets Haim.

Quadro 1 - Carimbos

	
Figura 1 - Carimbo ²⁰ da NLI.	Figura 2 - Carimbo do acervo Ets Haim

Fonte: Ets Haim

Todos os fólios têm um contorno em vermelho feito a lápis, formando o campo onde o texto seria escrito. O reclame na maioria das vezes está abaixo da linha inferior e

¹⁹ <http://etshaimmanuscripts.nl/collection/manuscripts/>

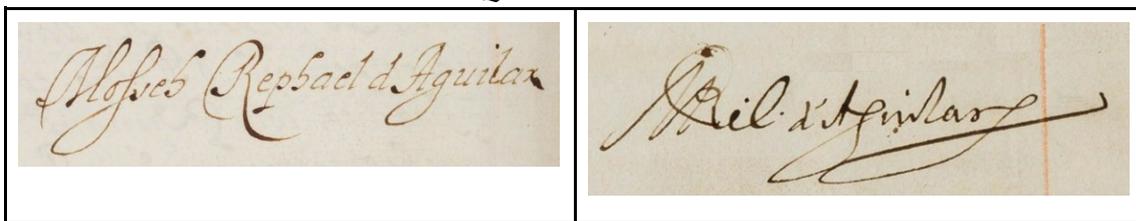
²⁰ *Midrash Ets Haim shel kahal kadosh sefardim* - significa que o material se refere à santa comunidade (kahal kadosh) da casa de estudos (subentendido em midrash) *Ets Haim* (árvore da vida) dos sefardim (os sefarditas).



em alguns fólhos o texto se inicia acima da linha superior, dando a impressão de que está fora do quadro.

As imagens a seguir mostram duas “assinaturas” de Mosseh Raphael de Aguilar. Uma está no fim de um texto com o mesmo punho do *Tratado*, levando a considerar que o escriba possa ter sido mesmo Mosseh Raphael de Aguilar. Porém, em outro texto, a assinatura é muito diferente e o punho é o mesmo, o que leva a possibilidade de alguém ter escrito o texto e Mosseh Rafael de Aguilar ter de fato assinado.

Quadro 2 - Assinaturas



Fonte: Ets Haim

O segundo testemunho também se apresenta em ótimo estado de conservação, possuindo uma coloração um pouco amarelecida, sem marcas de umidade nem outro tipo de mancha, como por exemplo, gordura depositada pelo contato com o documento, aparentando ter sido pouco manuseado. Também não foi possível verificar as condições de armazenamento, pelo motivo já relatado. O livro está encadernado em meio couro e no site do acervo não é informado se o livro tem alguma marca na lombada. O livro contém 7 partes e o *Tratado* estudado é a parte V, contendo 20 fólhos. O texto se desenvolve nas mesmas 37 partes. Os fólhos são numerados no canto superior direito do recto e no canto superior esquerdo do verso, pelo autor do manuscrito. Na primeira página aparece “5)”, marcação do acervo indicando que é a quinta parte do livro. O manuscrito também foi digitalizado ao menos duas vezes, pois se encontra na NLI e na Ets Haim. O carimbo da biblioteca Ets Haim aparece apenas nas páginas 1 e 8 do texto e não há carimbo da Biblioteca de Jerusalém. Não há contorno nos fólhos e o texto ocupa apenas a parte central do papel, sem se aproximar das margens superior e inferior e nem das laterais. Também há reclame, mas apenas nas páginas que terminam no meio de uma parte do tratado. Quando a página seguinte começa com a numeração de uma nova parte, não há reclame. No final do manuscrito está escrito “Finis Coronat Opus”, que não aparece no testemunho descrito anteriormente. O segundo manuscrito parece ser uma cópia, mas não há indicação de quem a tenha feito. A frase em latim, encerrando o trabalho, poderia indicar a existência de um terceiro testemunho, do qual ela teria sido copiada.

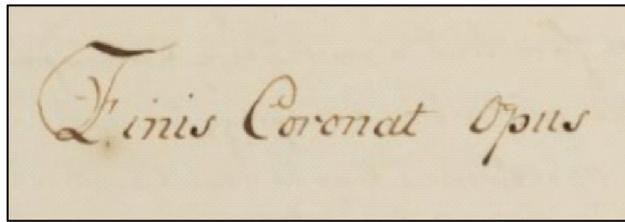


Figura 3 - *Finis Coronat Opus* - EH 48 B 11

Fonte: Ets Haim EH 48 B 11 201

Os dois documentos têm o mesmo texto, no entanto, o título do segundo testemunho tem um acréscimo: “Coligido e ordenado por o *Senhor* H: H: R: de Aguilar”. O primeiro ocupa dez fólios enquanto que o segundo ocupa vinte. A explicação não está na pequena diferença de tamanho dos suportes, mas na mancha gráfica dos textos. Mosseh Raphael de Aguilar, o suposto escriba do primeiro testemunho, escreve com pouco espaçamento entre as linhas, o texto chega bem perto da margem interna do livro. A margem externa, mais larga, é onde se encontram as duas citações, uma citação filosófica (*De Anima*, de Aristóteles) foi feita à margem nos dois manuscritos, diferentemente do que ocorreu com a citação bíblica (Salmo 104), incluída no texto, conforme imagem EH 48 B 11 194, mostrada anteriormente. Uma vez que a inclusão da citação no corpo do texto foi feita no local apropriado, pode-se inferir que ou o copista era versado no estudo da Bíblia ou a cópia foi feita a partir de um manuscrito que não o testemunho EH 48 A 11, cópia esta em que o salmo já estaria incorporado ao texto. O manuscrito EH 48 A 11 faz uso de algumas abreviaturas. O segundo texto, por outro lado, deixa um espaço um pouco maior entre as linhas e um espaço muito maior entre as partes do texto. A inclusão da nota do salmo, à margem, no corpo do texto, pode ser resultado da vontade do copista, ou da existência do terceiro testemunho. As imagens a seguir mostram esses aspectos claramente.

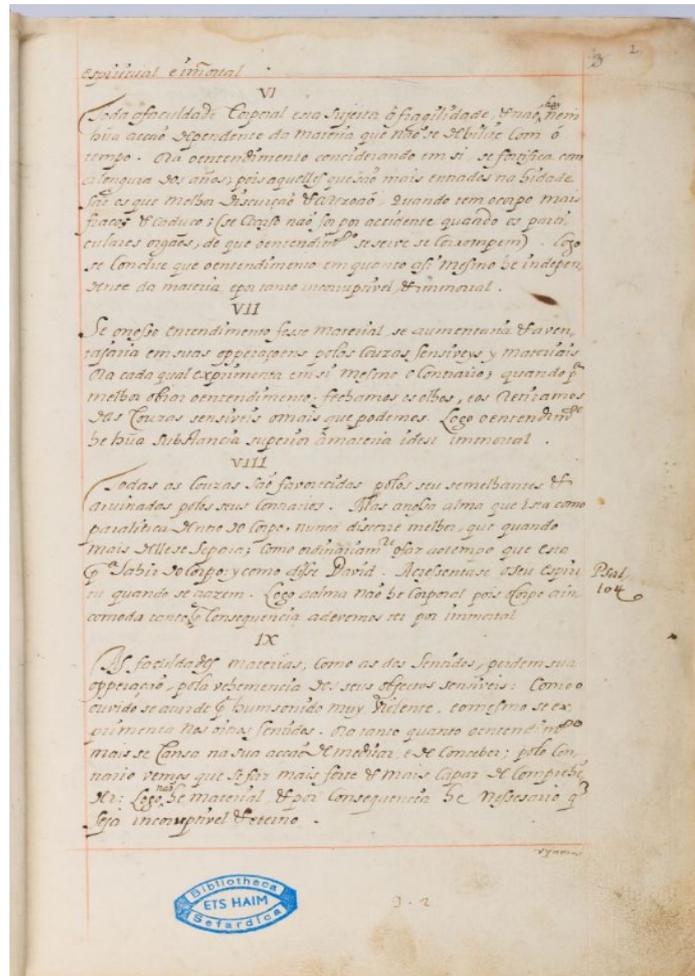


Figura 4 - Espaçamento e margens em EH 48 A 11

Fonte: Ets Haim EH 48 A 11

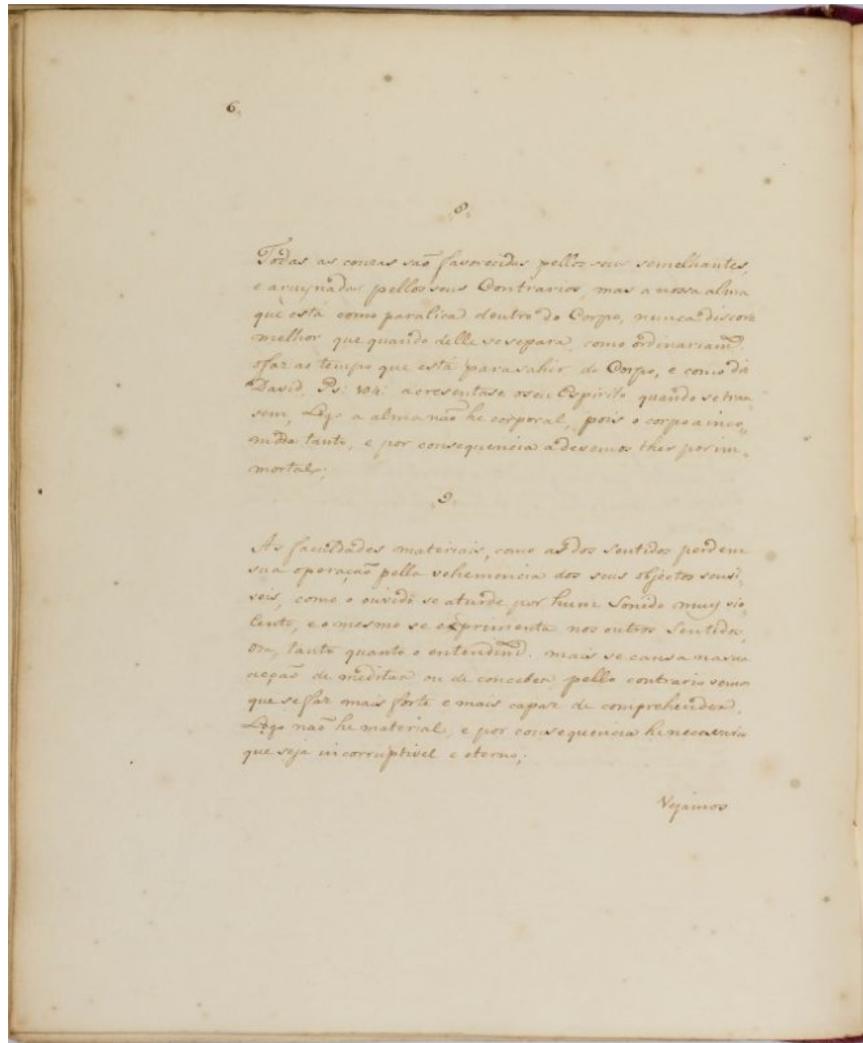
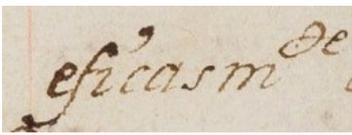
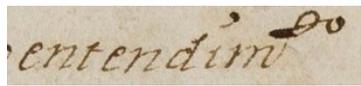
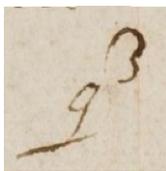


Figura 5 - Espaçamento e margensem EH 48 B 11 194

Fonte: Ets Haim

Quadro 3 – Abreviatura sem EH 48 A 11

		
eficasm ^{de}	entendim ^{do}	que

Fonte: Ets Haim

A escrita nos dois manuscritos é levemente inclinada à direita. O primeiro testemunho mantém-se reto do começo ao fim da linha. Já o texto coligido tem uma leve inclinação descendente na mesma direção. Na próxima imagem é possível ver a



marca na lateral e no canto inferior direito do manuscrito EH 48 A 11. Parecem ser resultado do manuseio do livro, o que não acontece em EH 48 B 11.

A citação filosófica (*De Anima*, de Aristóteles) foi feita à margem nos dois manuscritos, diferentemente do que ocorreu com a citação bíblica (Salmo 104), incluída no texto, conforme imagem EH 48 B 11 194, mostrada anteriormente. Uma vez que a inclusão da citação no corpo do texto foi feita no local apropriado, pode-se inferir que ou o copista era versado no estudo da Bíblia ou a cópia foi feita a partir de um manuscrito que não o testemunho EH 48 A 11, cópia esta em que o salmo já estaria incorporado ao texto. Algumas marcas não foram ainda decifradas, como, por exemplo, as que estão na seguinte imagem:

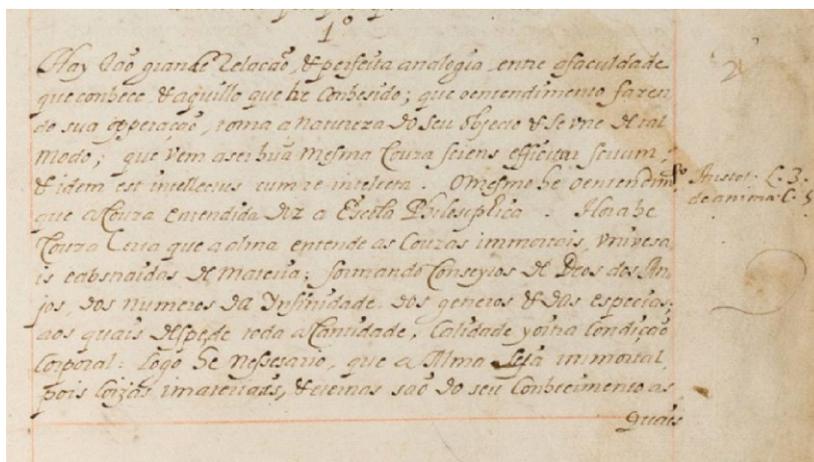


Figura 6 - Citação à margem em EH 48 A 11

Fonte: Ets Haim EH 48 A 11 001

Alguns sinais, ainda não decifrados, podem ser da língua hebraica ou da portuguesa. Abaixo, na primeira coluna, parece ser uma letra iud (י) do hebraico. Mas também poderia ser uma mancha sem significado, uma marcação do escriba, do copista ou do acervo. Um pouco abaixo está o que parece ser a letra hebraica bet (ב). Como está na mesma linha que o *erre* com um formato de "dois²¹", escrito no manuscrito pela primeira vez, também pode ser uma tentativa de reproduzir o traçado do *erre*. E mais abaixo está um sinal que pode ser a letra hebraica kaf (כ), que em posição inicial de palavra tem o som de /X/, o equivalente aos dois *erres* intervocálicos da língua portuguesa.

Quadro 4

²¹ A letra erre tem vários traçados diferentes, que podem ou não representar aspectos da oralidade. O erre dois de conta é conhecido desde Madureira Feijó (1688 – 1741), que o mencionou em sua *Orthographia*, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa. FACHIN, 2007, p. 23, 235-239.



		
iud	bet	kaf

Fonte: Ets Haim

Nesse ponto a história do documento e sua passagem por acervos diferentes se tornam importantes. O alógrafo de *erre 2* possivelmente não era conhecido de estudiosos que fizeram a transcrição do texto. Há transcrições publicadas em 1935, 1939 e 1982 em obras escritas em português. Pode também ser anotação do escriba do outro manuscrito estudado neste artigo (EH 48 B 11). A palavra “relação” foi escrita com o *erre dois de conta* (2), com uma peculiaridade no seu traçado: foram feitas duas curvas no início, como se vê na imagem abaixo.

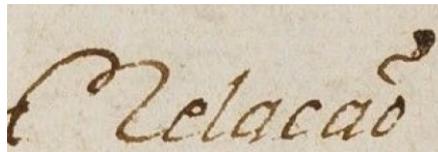


Figura 7 – *Erre dois de conta* em “relação” EH 48 A 11

Fonte: *Ets Haim* EH 48 A 11 001

O *erre* com formato de um 2 aparece 25 vezes ao longo do texto, 21 vezes antes de <e>, 3 vezes antes de <a> e 1 vez antes de <i>. Todas em posição inicial, ainda que em 4 delas não tenham sido respeitadas a fronteira de palavras. Segue exemplo da imagem e sua transcrição:



111
Nao hay nem hũa pontencia Corporal, ou virtude organica q^d
Obre sobre ~~se~~ símesmo: por que o olho (por exemplo) não se
pode ver así mesmo - e os demais Sentidos pello mesmo modo,
não podem Redobrar sua acção sobre si mesmo. Ora todos ex-
primantamos . que noſso entendim^{to} se reflexa ~~se~~ si mesmo.
& se Conhece y Contempla ~~re~~tornando a sua opperaçã^o p^a dentro:
Segueſſe logo, que ^{he} hũa Natureza mais Nobre que as Couzas
Corporeas, e organicas y por Conſequeſſa immortal

Fonte: Ets Haim

111

Nao hay nemhũa pontencia Corporal, ou virtude organica que
Obre sobre ~~se~~ símesmo: por que o olho (por exemplo) não se
Podevera ísímesmo, e os demais Sentidos pello mesmo modo,
Não podem **2**e dobrar sua acção sobre si mesmo. Ora todos ex=
prímentamos . que noſso entendimento se **2**eflexa sobre si mesmo
& se Conhece y Contempla **2**etornandoa sua opperaçã^o para dentro:
Segueſſe logo, que ^{he} hũa Natureza mais Nobre que as Couzas
Corporeas, e organicas y por Conſequeſſa immortal

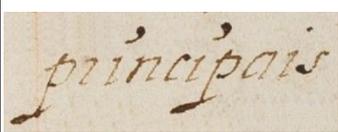
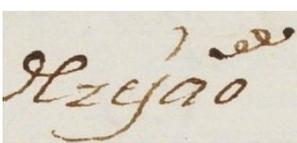
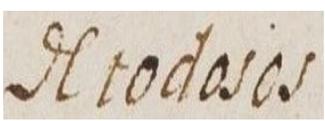
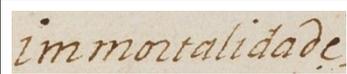
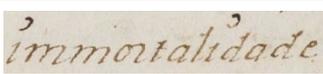
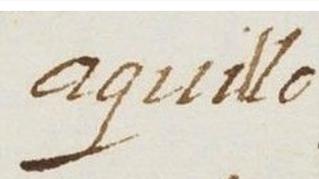
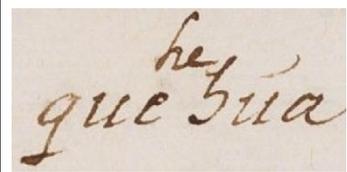
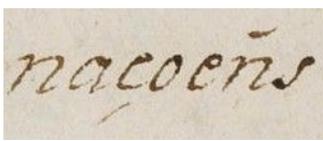
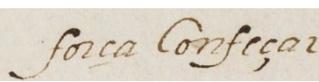
Fonte: os autores

Não há registro de *erre* dois de conta no segundo testemunho; também não há ocorrência de *esse* longo (ſ). No primeiro testemunho o *esse* longo tem 12 ocorrências em posição inicial da palavra e 5 em posição final, de um total de 155 registros (são anotadas 157 vezes, mas duas delas em palavras escritas em latim, que foram desconsideradas, pois o objeto do artigo é análise paleográfica do documento escrito em língua portuguesa). Não foi possível estabelecer um padrão nas ocorrências que



fosse justificado por contexto fonológico (som que precede e sucede um grafema) ou pelo número de sílaba sou pela classe de palavras. O <s> é grafado 1079 vezes, 242 em posição inicial, 376 em posição final. Os números indicam que neste manuscrito o *esse* longo é alógrafo, sem outra causa ou implicação.

Os pingos nos *is* e *jotas* no manuscrito EH 48 A 11 variam quanto ao formato, às vezes como pingo, às vezes como vírgula, semelhante ao *til* colocado sobre vogais, mas menos rebuscado que o *til* usado em abreviaturas. No exemplo abaixo “principais” tem dois pingos como vírgula e um como pingo. E “immortalidade” tem apenas pingo. O trabalho procura investigar se há uma implicação fonológica ou se foi feita uma correção após a conclusão do texto.

		
Pingos nos <i>is</i> .	O pingo do <i>j</i> e o <i>o</i> <i>til</i> exagerados.	Inserção de <i>semtodos</i> .
		
		

O que estes dados sugerem é que foi feita uma correção após o texto ter sido terminado. E os pingos em forma de *til* seriam uma característica deste escriba.

O mesmo acontece com o cedilha, aparentemente escrito em um momento diferente do restante da palavra nas linhas 124, 129, 247 e 331.

Outra evidência de que o texto passou por correção se vê na imagem 122, em que a palavra “rational” foi corrigida para “racional”, indicando que o uso das sibilantes não era aleatório.

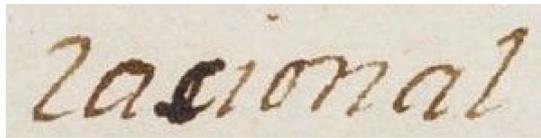


Figura 8 - Correção no uso de sibilantes em EH 48 A 11

Fonte: Ets Haim EH 48 A 11

5 Considerações finais

O desenvolvimento da língua portuguesa na Holanda é um aspecto ligado à história que demanda uma pesquisa com bibliografia de difícil acesso no Brasil, mas que tem sido feita em parte. A atribuição de autoria dos documentos não foi questionada, mas à medida que os textos foram sendo estudados e que a história dos documentos e de seu autor foi sendo melhor conhecida, uma ampliação no estudo da atribuição se faz necessária. Os critérios paleográficos serão fundamentais para determinar, ou não, qual punho é de Mosseh Raphael de Aguilár.

Se, por um lado, as constantes mudanças a que os judeus estavam sujeitos por causa da intolerância religiosa acarretaram a formação de uma rede de contatos, por outro lado, na maioria dos territórios em que viveram, tiveram de fazê-lo com restrições e limitações, inclusive geográficas. O estudo da Nação Portuguesa de Amsterdã mostra que apesar das restrições, os textos dessa comunidade circulavam por diversos países, inclusive o Brasil.

O trabalho minucioso com a escrita do texto apresenta aos estudiosos detalhes muito significativos. Evidentemente que, para um filósofo ou para um teólogo que estejam estudando o pensamento do rabino Mosseh Rafael de Aguilár, os carimbos apostos nos manuscritos não alteram nem enriquecem em nada o texto e sua compreensão. Também não interfere em nada o uso de *erre* ou do *esse* e suas variações com o uso de seus salógrafos. No entanto, o possível “pensamento fonológico”, por um lado, registrado à margem do papel, indicando uma letra hebraica para reproduzir o som de um caractere diferente (2) leva o filólogo a formular um trajeto razoável desde a produção do documento, passando por seu manuseio para cópia e estudo, até seu depósito em acervo. Por outro lado, para linguistas e historiadores do português, esses achados dão indicações do desenvolvimento da língua e de seu estado no momento em que foi registrada no papel e sua relação com o próprio uso. Não é possível fazer afirmações e generalizações com o estudo de um manuscrito apenas, nem mesmo com dois testemunhos do mesmo texto, mas é possível reunir informações que se combinam com as de outras transcrições e montar panoramas da língua portuguesa. Os exemplos escolhidos neste artigo, o *erre* dois de conta e o *esse* longo, presentes no manuscrito mais antigo e totalmente ausentes do segundo testemunho, são um exemplo da importância da paleografia na datação da escrita. Tendo em vista que esses dois grafemas caíram em desuso com o passar do tempo, é



coerente a classificação feita pelo acervo da biblioteca *Ets Haim* indicando que o primeiro é do século XVII e o segundo mais recente, do século XVIII.

O enfrentamento de Mosseh Raphael de Aguilar às heresias, por meio do Tratado, é um legado aos pesquisadores de estudos filosóficos e religiosos, que podem retomar o pensamento de importantes figuras de dentro e de fora da comunidade sefardita do século XVII. É também um legado aos historiadores que se debruçam sobre o período em que ideias, armas, pessoas, artes e mercadorias circulavam entre países e continentes, em grande parte por ação de membros dessa comunidade, que se mantinha unidos pela adesão à fé.

Referências

BERGER, S. *Classical oratory and the Sephardim of Amsterdam. Rabbi Aquilar's Tratado de la Retorica*. Hilversum: Uitgeverij Verloren, 1996.

EISENBERG, J. e STEINSALTZ, A. *O Alfabeto Sagrado*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

FACHIN, P. R. M. O grafema “erre” e seu salógrafos na representação das vibrantes em manuscritos do século XVIII . *Estudos Lingüísticos XXXVI(2)*. Marília, Unesp, 2007.

HAUY, R.J.V. Interface entre Filologia e Fonologia Prosódica: um estudo de manuscritos holandeses dos séculos XVII e XVIII. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2021.

MAGHIDMAN, M. Mosseh Raphael d’Aguilar: Origens da literatura judaica em português no Brasil holandês. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2019.

MARTINS, F. C .C. *A Comunidade Judaico-Portuguesa de Hamburgo entre 1652 e 1682*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2018.

RUBIN, A.; KAHN, L. *Handbook of Jewish Languages: Revised and Updated Edition*. Leiden: Brill, 2017.

SILVA NETO, S. da. Discurso do paraninfo. In: MELO, G.C. de e SILVA NETO, S. da. *Conceito e método da filologia*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

TEENSMA, B. A língua dos Sefardim de Amsterdão nos séculos XVII e XVIII em Portugueses em Amsterdão 1660 – 1680 . Amsterdã: De Bataafsche Leeuw, 1988.

Enviado em: 12/02/2024

Aprovado em: 29/02/ 2024